

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**E** estudo sobre a deterioração de uma família, na doença e no desarranjo sentimental, “*Sterben*” (cujo título internacional será “*Dying*”), dirigido por Mathias Glasner, com cineasta egresso de Hamburgo, foi um dos poucos filmes alemães em toda a 74ª Berlimale a ser aclamado nas mais diversas línguas e saudado como um achado da curadoria.

Construído num limite quase azedo de comédia e drama, seu roteiro fala de um maestro (Lars Eidinger) cuja mãe entra em estado crítico de saúde no momento em que ele ensaia o que pode se tornar sua maior sinfonia.

Não é o único representante “da casa” na competição pelo Urso de Ouro de 2024, uma vez que “*From Hilde, With Love*”, do veterano Andreas Dressen, está no páreo, recriando a resistência os nazistas.

Há ainda uma coprodução com a Áustria, “*The Devil’s Bath*”, de Veronika Franz e Severin Fiala. Mas só Glasner colou no gosto popular, e isso no momento em que a Alemanha está na disputa pelo Oscar de Melhor Filme Internacional, com “*A Sala dos Professores*”, de Ilker Çatak. Mais curioso ainda: a última vez que um longa-metragem germânico ganhou o troféu principal do Festival de Berlim foi há exatamente 20 anos: “*Contra a Parede*”, de Fatih Akin, que é parcialmente turco.

“Eu não sou muito ligado em filmes alemães, não por desrespeito, e não por desvalorizar uma tradição local, mas porque tenho mais curiosidade pelos filmes que nos chegam vindos de outros territórios”, disse o próprio Glasner ao Correio da manhã.

“Os últimos grandes filmes alemães que eu vi foram dirigidos por mulheres. Há uma fase forte de grandes diretoras”.

“*Transtorno Explosivo*”, de Nora Fingscheidt, e “*Eu Estava Em Casa, Mas...*”, que rendeu o Urso de Prata de Melhor Direção à diretora Angela Schanelec, em 2019, integram esse bloco forte de títulos pilotados por



‘*Sterben*’ é o único título alemão com força para dar o Urso de Ouro a seu país

## Prata da casa

realizadoras alemãs.

Integre nesse bonde a veterana Margarethe Von Trotta. Ela atraiu holofotes no festival do ano passado com “*Ingeborg Bachmann - Jornada Pelo Deserto*” (“*Ingeborg Bachmann - Reise in Die Wüste*”), exibido na Mostra de São Paulo de 2023.

É sempre bonito ver a diretora de “*Hanna Arendt*” (2012) cartografar as vozes femininas que desafiaram o sexismo na Filosofia ou, no caso de seu novo filme, na Literatura. Notável e carismática, Ingeborg Bachmann (a brilhante Vicky Krieps) conquistou espaço

Sem vencer na própria casa há 20 anos, cinema alemão se destaca na Berlinale com ‘*Sterben*’ no momento em que concorre ao Oscar com ‘*A Sala dos Professores*’

no mundo predominantemente masculino da literatura alemã com sua poesia.

Ainda jovem, ela está no auge da carreira quando conhece o famoso dramaturgo Max Frisch. Os dois se apaixonam, até que conflitos pessoais e profissionais começam a perturbar a harmonia do casal.

Mais badalado realizador alemão do presente, Christian Petzold (de “*Undine*”) faz parte do time de juradas e jurados deste ano. Ano passado, ele saiu da Berlinale com o Grande Prêmio do Júri por “*Afire*”.

Em 2022, a Alemanha conseguiu um

bom destaque na Berlinale graças ao já citado Dressen, com “*Rabiye Kurnaz vs. George W. Bush*”, exibido em solo brasileiro pelo Telecine. Laureado com os prêmios de Melhor Roteiro e Melhor Atriz na Berlinale, o longa de Dressen carrega toda a elegância de um certo academicismo de sua pátria no audiovisual.

Misto de drama e thriller judicial, esse longa bota a plateia no bolso à força de uma personagem que lembra Regina Casé em “*Que Horas Ela Volta?*” (2015): a mãe devotada a Rabiye.

De origem turca, ela revira o governo alemão de baixo pra cima a fim de buscar a ajuda necessária para libertar seu filho de Guantanamo, onde foi preso injustamente logo após o 11 de Setembro. Meltem Kaptan é a atriz que vive Rabiye, esbanjando doçura e humor, mas sem abrir mão do som e da fúria inerentes ao instinto materno. Ela dispara aqui na lista de apostas para prêmios, ainda que o filme seja bastante convencional em sua narrativa, lembrando um bocado “*Philomena*” (2013), de Stephen Frears.

Quem sabe neste sábado “*Sterben*” não muda o placar da Alemanha.



**Desempenho de Sidse Babett Knudsen é arrasador em thriller carcerário**

## Aos 45 minutos de jogo chega ‘A’ atuação

Um dos últimos títulos, entre os 20 concorrentes ao Urso de Ouro de 2024 a ser exibido na grade da Berlinale, o thriller carcerário escandinavo “*Sons*” (“*Vogter*”) garantiu à maratona cinéfila alemã seu melhor trabalho de interpretação, entre

tudo o que se viu desde a abertura, no último dia 15.

A dinamarquesa Sidse Babett Knudsen (de “*500 Miligramas*”) eleva o padrão europeu de atuação – sobretudo no trato com o silêncio – a outro patamar à fren-

te do novo filme do sueco Gustav Möller (do cultuado “*A Culpa*”).

Sidse encarna uma agente carcerária que entra num conflito existencial e profissional com a chegada de um jovem presidiário condenado pela morte de um colega de celas a facadas.

A brutalidade com que ela passa a tratar o rapaz, associada a uma série de atos suspeitos, sugere uma estranha ligação dela com o preso. O clima de suspense de longa é enervante. (R. F.)